

Editorial

“É fácil reconhecer o negro do naturalista, tanto pelo seu modo de carregar uma serpente viva como pelo enorme chapéu de palha erizado de borboletas e insetos espetados em compridos alfinetes. Anda sempre armado de fuzil e com sua caixa de insetos a tiracolo” (Debret, 1940:176).

Ao descrever sua viagem “pitoresca” ao Brasil por meio de imagens e textos, o famoso artista francês Jean Baptiste Debret (1768 – 1848) identificou diversos ofícios desempenhados pelos escravos. Entre vendedores de palmito, serradores de tábua e carregadores, aparece a figura do “negro do naturalista” que, no olhar do artista, ocupa uma posição privilegiada.

A obra de Debret que ilustra a capa desta 34ª edição da E&C, intitulada “negros voltando da caçada – escravo de um naturalista”, pode estimular reflexões variadas sobre as relações de poder na produção do conhecimento. O artista comenta a imagem descrevendo como os “negros destinados à profissão de caçadores” são preparados desde a adolescência para acompanharem “o seu senhor” em longas viagens científicas pelas matas virgens (DEBRET, 1940: 174).

Frequentemente, devido à “generosidade de naturalistas estrangeiros”, estes escravos ganhavam a liberdade pelos serviços prestados. Mas além de trabalharem como guias em outras expedições, os negros libertos também reproduziam as práticas dos senhores e, “naturalistas a seu turno”, adquiriam alguns criados negros para caçar e oferecer aos cientistas estrangeiros os “objetos de história natural” (DEBRET, 1940:175).

Muitas hierarquias se sobrepõem no quadro de Debret. Embora ausente da imagem, o naturalista aparece de forma explícita no título da obra, e o significado da cena, que mostra os escravos carregando animais e plantas, está profundamente relacionado às necessidades da sua

prática científica. Se buscarmos “abrir espaço em nossas histórias para os parceiros locais, guias, carregadores, intérpretes, comerciantes e funcionários que tornaram as explorações possíveis” (DRIVER e JONES, 2009:5), o famoso desenho de Debret pode ser um documento privilegiado. Ao revelar as relações de poder existentes entre os próprios escravos, o artista destaca, em primeiro plano, “aquele que alcançou uma certa habilidade” nas práticas naturalistas (DEBRET, 1940:175).

As leituras expostas sobre a imagem de Debret colocam as relações de poder no centro dos debates sobre a produção do conhecimento científico e podem nos servir para evidenciar os laços estreitos entre o conhecimento geográfico e as abordagens pós-coloniais. Apesar da vasta abrangência na definição do pós-colonialismo na geografia, é possível identificar dois entendimentos principais, que encaminham temas, questões e pesquisas bastante divergentes.

Por um lado, o pós-colonialismo pode fazer referência a uma condição que destaca uma ruptura temporal, constituindo uma fase posterior ao colonialismo. Por outro, o pós-colonialismo é entendido como uma abordagem crítica para analisar o colonialismo por meio de sua produção cultural, destacando a importância da produção do conhecimento nos processos de colonização à luz das relações de poder. A partir dessa ótica, um dos propósitos defendidos seria o de estudar os impactos do colonialismo e sua contestação nas culturas tanto dos colonizadores como dos colonizados (GREGORY, 2000).

Alguns autores anglo-saxões (SHARP, 2009, RYAN, 2004) inclusive diferenciam estas duas formas de entender o termo a partir de uma questão de grafia, com a presença ou ausência do hífen. Assim, *post-colonialism* seria utilizado para evidenciar a ruptura com a condição colonial, numa perspectiva cronológica, e *postcolonialism* remeteria a uma abordagem crítica e cultural que também considera as continuidades, permanências e os “colonialismos do presente” (GREGORY, 1995).

Por ser a expressão mais usual entre os cientistas sociais brasileiros (e.g BIRMAN, 2007), optamos aqui por utilizar a palavra pós-colonialismo, mas, seguindo a tendência dos geógrafos que trabalham neste campo em outros países, o significado da palavra será aqui considerado em consonância com a segunda definição exposta anteriormente. Ou seja, a ideia é entender o pós-colonialismo como uma formação intelectual e não como um determinado período no tempo. Neste contexto, os fenômenos investigados podem transitar em muitas escalas e períodos diferentes, possibilitando a incorporação de documentos variados. O pós-colonialismo seria, portanto, "uma análise crítica das formas como os sistemas de conhecimento ocidentais de tornaram dominantes" (SHARP, 2009:5).

Alguns autores consideram que essa fluidez temporal e espacial dos estudos pós-coloniais seria um efeito negativo decorrente do uso crescentemente disperso do termo para descrever uma variedade de práticas culturais, econômicas e políticas nos últimos anos. Contudo, para Sidaway (2004), tal fluidez pode representar um passo importante para questionar uma visão totalizadora do pós-colonialismo, que é incapaz de enxergar, por exemplo, as temáticas dos colonialismos internos, do complicado debate sobre colonialismo e imperialismo (LOOMBA, 1998) e, principalmente, das múltiplas formas de resistência que a historiografia moderna tratou de silenciar.

Embora existam muitos debates, as abordagens variadas e difusas que se agrupam sob o rótulo pós-colonialismo já influenciam a geografia cultural em universos acadêmicos alhures desde pelo menos o final da década de 1980. Sintoma evidente do lastro dessa influência é a presença marcante do termo pós-colonialismo nos principais dicionários de geografia humana e em compêndios de geografia cultural, principalmente aqueles escritos em língua inglesa.

A primeira constatação que salta aos olhos de quem pretende conhecer o pós-colonialismo por meio de dicionários e compêndios de geografia diz respeito a sua diversidade.

De fato, qualquer tentativa de mapear uma geografia pós-colonial é um projeto problemático ou mesmo contraditório (SIDAWAY, 2000). O texto do verbete “pós-colonialismo” no *The Dictionary of Human Geography* (2000), assinado pelo geógrafo britânico Derek Gregory, ilustra muito bem a abrangência do campo. Definido como uma formação crítica político-intelectual, o pós-colonialismo descreve uma variedade de práticas dentro e fora do universo científico e vem se consolidando como uma arena contestatória para os geógrafos estudarem suas próprias práticas e instituições.

Se os dicionários de geografia humana evidenciam que o pós-colonialismo é entendido como uma abordagem e não como um marco temporal, os compêndios de geografia cultural atestam uma influência consolidada deste campo na disciplina. No caso dos compêndios, o objetivo não é definir o pós-colonialismo, mas sim expor os caminhos e desafios que se apresentam para uma pesquisa de natureza pós-colonial. Nessas obras, os autores consideram o pós-colonialismo como uma tendência corrente e elaboram análises apontando seus aspectos positivos e negativos, ou ainda suas potencialidades e seus limites para a pesquisa em geografia cultural.

Em *A Companion to Cultural Geography*, Ryan (2004) aponta que o pós-colonialismo é um dos campos principais que possibilita a participação dos geógrafos culturais nos debates acadêmicos contemporâneos nas ciências humanas e sociais. A extensa publicação *The Wiley-Blackwell Companion to Cultural Geography* apresenta dois capítulos intitulados “*postcolonialism*”. Enquanto o primeiro oferece um debate eminentemente teórico no qual são traçadas as origens e as principais características do pós-colonialismo (JAZEEL, 2013), o segundo capítulo é dedicado à apropriação do termo na geografia (CULLEN RYAN E WINDERS, 2013). Outra obra de fôlego, *The Handbook for Cultural Geography*, publicado

em 2003, apresenta três artigos com o termo pós-colonialismo, em seções intituladas “Após o Império” e “Para Além do Ocidente”.

Esses esforços de definição e análise do pós-colonialismo precisam ser compreendidos como sintomas dos sensíveis efeitos da chegada, da apropriação, da adoção e da tradução dos estudos pós-coloniais entre os geógrafos culturais anglo-saxônicos. No entanto, a circulação destas ideias na América Latina apresenta trajetória muito variada e os compêndios e dicionários escritos em inglês não têm sido a única, e certamente nem mesmo a mais importante, fonte de informação sobre esta abordagem.

Apesar de uma notável ausência da geografia, o debate sobre o pós-colonialismo tem aparecido de forma intensa entre os cientistas sociais latino-americanos (LANDER, 2005; SANTOS E MENESES, 2009; CASTRO-GOMEZ Y GROSGOUEL, 2007; MIGNOLO, 1992; entre outros), que também dialogam com autores de origem indiana (SPIVAK, 1998, CHAKRABARTY, 2000; e BHABHA, 2001). Poucos geógrafos latinos participaram sistematicamente destes debates, entretanto as temáticas pós-coloniais já aparecem nos trabalhos de alguns autores brasileiros (HAESBAERT E MONDARDO, 2010; PORTO-GONÇALVES e QUENTAL, 2012; SANTOS, 2011).

Considerando o exposto, é importante destacar que o objetivo deste número da E&C não é, propriamente, mapear os caminhos de introdução do termo na geografia brasileira, tampouco apresentar algum tipo de “estado da arte” das influências do pós-colonialismo no Brasil. Não se pretende também defender ou sugerir a adoção do pós-colonialismo como algum tipo de modelo teórico, conceitual ou metodológico que conduza as pesquisas na geografia brasileira. O presente número foi estimulado, acima de tudo, pelo reconhecimento de uma extrema afinidade teórico-metodológica entre o pós-colonialismo e a geografia cultural.

Tendo surgido dentro do campo dos estudos literários e dos estudos culturais, muitos trabalhos considerados fundamentais para o desenvolvimento do pós-colonialismo estudaram romances, poemas, pinturas, fotografias e filmes, buscando explorar variadas “geografias imaginativas” (SAID, 1978). Por sua vez, a geografia cultural também se apropriou frequentemente deste tipo de fonte de informação para estudar os significados associados aos lugares e seus habitantes. Essa tendência pode ser evidenciada com uma breve observação em edições anteriores da E&C, nas quais o uso de documentos imagéticos ou textuais constitui prática recorrente nas investigações empreendidas pelos geógrafos culturais.

Esta convergência entre a geografia cultural e o pós-colonialismo também sugere um segundo ponto em comum. Como destacaram Nash (2002) e Ryan (2004), este enfoque na produção cultural imaterial fez com que tanto a geografia cultural quanto o pós-colonialismo fossem criticados por se debruçarem eminentemente sobre fenômenos pouco tangíveis, o que conduziria a uma negligência do estudo dos processos materiais (SMITH, 1999). Este debate também aparece de forma intensa na geografia cultural. Enquanto alguns defendem o caráter inseparável das textualidades e das práticas espaciais (GREGORY, 1995), outros consideram que a análise de documentos e as abstrações teóricas deveriam ser mais conectadas com as condições locais e concretas da vida cotidiana (THRIFT, 2008).

De acordo com Nash (2000), as críticas sobre o caráter abstrato e inacessível do trabalho de alguns autores pós-coloniais encontra eco nos debates sobre a necessidade de conexão entre teoria e empiria na geografia cultural (DUNCAN, 1999; SMITH, 2000). A autora chama a atenção para o fato de que tanto o pós-colonialismo como a geografia cultural são vistos, muitas vezes, como a “última moda”, o que pode gerar críticas sobre a superficialidade na difusão destes campos.

Foi justamente no intuito de evitar uma apropriação superficial e acrítica que a E&C convidou a comunidade científica a contribuir com este número sobre geografia e pós-colonialismo. Os artigos aqui reunidos são diversos em seus temas, fenômenos estudados e metodologias empregadas, mas apresentam, como ponto em comum, o contato com os estudos pós-coloniais em suas mais variadas referências. Embora de forma incipiente e modesta, acreditamos que os textos reunidos nesta 34ª edição da E&C podem contribuir para qualificar a discussão não apenas sobre as potencialidades, como também sobre os limites da incorporação das teorias pós-coloniais pela geografia.

O artigo que abre essa edição da E&C é assinado pelo geógrafo francês Paul Claval, que reaparece na condição de entrevistado no artigo que fecha a revista. Em seu artigo, sugestivamente intitulado “Relendo Edward Said”, Claval se propõe a fazer uma releitura de uma das principais influências do pós-colonialismo na geografia. Claval discute como a produção deste professor de literatura comparada vem sendo importante para se compreender a construção histórica de entidades geográficas como o Oriente e o Ocidente. Muito embora enalteça a importância do trabalho de Said para a compreensão das relações entre discurso e dominação, Claval procura apontar o que seriam as fragilidades na tese do “Orientalismo”, destacando o fato de a obra não enfatizar a diversidade de imagens que o Orientalismo produziu e nem as contradições e problemas do próprio Oriente.

O geógrafo e pesquisador Rafael Almeida explora algumas teses de outro teórico que figura como referência no trabalho de diversos pesquisadores pós-coloniais: o filósofo Michael Foucault. Embora as temáticas coloniais não tenham relevo em suas pesquisas, o filósofo francês pós-estruturalista é considerado, junto a Said, como um dos principais responsáveis pelo estabelecimento da ponte entre geografia e teorias pós-coloniais. Por meio de uma revisão cuidadosa e bastante rica, o artigo explora os chamados estudos de *governamentalidade*,

apontando para a necessidade de precauções quando da incorporação desta abordagem nas pesquisas geográficas para a realidade latino-americana.

Para além do reconhecimento da alteridade a partir das fissuras entre colonizador e colonizado, o pós-colonialismo também é profundamente marcado por formações crítico-intelectuais que enfocavam as relações de poder entre gêneros. A teoria feminista foi incorporada de forma bastante intensa nos debates pós-coloniais, principalmente em suas vertentes voltadas às discussões sobre o papel da mulher na produção do conhecimento, sobre as relações entre gênero, imagens e estereótipos e sobre as práticas de resistência das mulheres em diferentes contextos.

Nesse sentido, o artigo assinado pela geógrafa e pesquisadora Marianna Fernandes Moreira constitui-se em um claro exemplo dessa articulação entre estudos de gênero e pós-colonialismo, uma vez que se encaminha na direção de uma análise das práticas e estratégias espaciais de mulheres sem-teto que vivenciam o cotidiano de lutas na Ocupação Quilombo das Guerreiras. No seu artigo, a autora tem como objetivo tratar da geografia da casa e da família a partir das práticas dessas mulheres na construção e manutenção de seus lares. Ao problematizar a noção de família nuclear e abordar a tensão indivíduo-família-coletivo, a autora discute como o “território íntimo” e a individualidade da mulher podem se expressar para além do assim chamado espaço doméstico.

Seguindo esta abordagem que enfatiza pesquisas empíricas relacionadas ao gênero e às percepções/representações sobre a mulher, o artigo de Erika Tambke, geógrafa e fotógrafa, propõe um interessante debate sobre o estereótipo das mulheres brasileiras por meio da análise de fotografias e publicações que circularam em Londres. Contrastando com as características de uma cidade cosmopolita e internacional, os estereótipos sobre a sexualidade da mulher brasileira aparecem de forma marcante nas imagens analisadas. Ao entrar em questões específicas sobre a

representação da mulher, a autora oferece uma revisão bibliográfica estimulante sobre a noção de estereótipo a partir de uma abordagem pós-colonial. Autores como Stuart Hall e Hommi Bhabha, representativos do universo dos estudos culturais, são revisitados no intuito de construir um recorte sobre a ideia de estereótipo que pode ser útil para trabalhos em direções muito variadas.

A apresentação de pesquisas empíricas que têm o pós-colonialismo como fontes de inspiração segue nos dois artigos seguintes, nos quais Carlos Alberto Guerreiro Velázquez, pesquisador mexicano, e Cecília Marina Slaby, pesquisadora argentina, oferecem conexões entre a abordagem pós-colonial e os estudos da geografia da religião.

O artigo de Guerreiro explora o fenômeno da mestiçagem cultural tendo como objeto de estudo a crença na Virgem de Guadalupe na Cidade do México. Segundo o autor, os novos significados atribuídos ao morro de Tepeyac refletem uma renovada construção discursiva, conectada ao movimento religioso de adoração à Virgem de Guadalupe. Para Velásquez, o guadalupismo é um fenômeno que pode ser lido a partir de uma perspectiva pós-colonial, na medida em que foi capaz de construir laços de pertencimento ao lugar entre *criollos* e indígenas e consolidar a identidade quando confrontada ao colonizador espanhol.

Assim como Velásquez, Slaby também está interessada na espacialidade do fenômeno religioso e sua construção como mecanismo de constituição da identidade e da alteridade a partir de dois estudos. No primeiro estudo, a autora faz análise de um mural panorâmico do século XIX, elaborado por Dufour e intitulado "Os Incas". No segundo caso explorado, Slaby busca compreender a tensão do "eu" e do "outro" na análise do ritual da procissão de Corpus Christi em Cusco.

O artigo do professor e pesquisador da UFRRJ Maurílio Lima Botelho introduz uma importante discussão que também está centrada no pós-colonialismo, muito embora suas

referências principais se localizem na produção latino-americana sobre a temática. O autor encara a controversa discussão sobre o peso conceitual da cultura e do poder nas temáticas da teoria social contemporânea. Tal controvérsia, qualificada por diversos autores como uma das fragilidades epistêmicas dos estudos pós-coloniais, é discutida à luz das riquíssimas contribuições do coletivo de autores latino-americanos, que se intitula *Programa de Investigación de Modernidad/Colonialidad Latinoamericana* (cujo manifesto se encontra em ESCOBAR, 2003), responsável por uma necessária perscrutação da produção europeia pós-colonial.

Assinamos o texto que encerra essa edição da E&C, no qual desejamos, por meio de três entrevistas realizadas com Paul Claval, David Harvey e Felix Driver, ratificar o caráter complexo da discussão aqui proposta. O objetivo da transcrição e da análise das entrevistas foi apresentar distintas visões que estes reconhecidos pesquisadores possuem a respeito da incorporação do pós-colonialismo na produção do conhecimento geográfico.

Na seção de tradução, apresentamos o texto de um expoente geógrafo britânico que vem articulando, de forma bastante original, o pós-colonialismo com a geografia histórica e cultural, Stephen Legg. Em seu texto, publicado originalmente em um extenso volume sobre Michael Foucault e a Geografia (CRAMPTON E ELDEN, 2007), o professor da Universidade de Nottingham busca traçar as relações entre o filósofo francês e o pós-colonialismo. Articulando as referências que aparecem de forma marcante nos primeiros artigos desta revista, Legg explora o uso de Foucault no trabalho de Edward Said e outros autores vinculados ao Grupo de Estudos Subalternos, apresentando a apropriação do filósofo “para além da província europeia”.

O pesquisador e professor Guilherme Ribeiro assina a resenha desse número, na qual faz uma breve análise do seminal artigo de Gayatri Spivak, “Pode o subalterno falar?”. Publicado no

Brasil em formato de livro, o texto é qualificado por um sem número de autores como um dos trabalhos mais proeminentes do grupo indiano dos Estudos Subalternos, que representam uma significativa deriva a partir dos primeiros estudos pós-coloniais. A resenha de Ribeiro pode auxiliar na contextualização da obra da autora, que é atualmente reconhecida como leitura obrigatória para o debate sobre conhecimento e poder.

É seguindo as reflexões de Gayatri Spivak (1993) que desejamos concluir esse editorial. Se acreditamos no pós-colonialismo como um campo intelectual capaz de trazer a discussão da cultura para a arena política, mais útil que buscar circunscrevê-lo ao universo de um corpo teórico determinado, esquadrinhado, definido e delimitado é concebê-lo como uma poderosa estratégia para alcançar objetivos políticos na produção do conhecimento.

André Reyes Novaes

Mariana Lamego

Referências bibliográficas

- BIRMAN, P. (2007) Editorial. *Cadernos de Antropologia e Imagem (Dossiê: Pós-colonialismo e suas imagens)*, n.24, pp. 9-10.
- BHABHA, H. (1994) *The Location of Culture*. London and New York: Routledge.
- CASTRO-GOMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (ed.) (2007) *El Giro Decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre.
- CHAKRABARTY, D. (2000) *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*. Princeton: Princeton University.
- CRAMPTON, J. W. e ELDEN, S. (2007) *Space, Knowledge and Power. Foucault and Geography*. Great Britain. Ashgate.
- CULLEN, J.; RYAN, J. e WINDERS, J. (2013) Postcolonialism. In: *The Wiley-Blackwell Companion to Cultural Geography*, ed. N. C. Johnson, R. H. Schein, and J. Winders. Oxford: Blackwell, pp. 508-523
- DEBRET, Jean-Baptiste. (1940) *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tomo I, Volume I e II. São Paulo: Livraria Martins.
- DRIVER, F. e JONES, L. (2009) *Hidden Histories of Exploration: Researching the RGS-IBG Collections*. London, Royal Holloway. University of London.
- DUNCAN, J. (1999) Complicity and resistance in the colonial archive: some issues of method and theory in historical geography. *Historical Geography*, 27, pp.119-128.
- ESCOBAR, A. (2003) Mundos y conocimientos de otro modo. El programa de investigación de modernidade/colonialidad latinoamericano. *Tabula Rasa*, n.1, pp. 51-86.
- GREGORY, D. (2000) Postcolonialism (entry). In: *The Dictionary of Human Geography*, ed. R. J. Johnston, D. Gregory, C. Pratt and M. Watts. Oxford: Blackwell, pp. 612-615.

- _____. (1995) Imaginative geographies. *Progress in Human Geography*, 19, pp. 447-485.
- HAESBAERT, R.; MONDARDO, M. (2010) Transterritorialidade e Antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americano. *GEOgraphia* (UIFF), v. 24, p. 19-50.
- JAZEEL, T. (2013) Postcolonialism. In: *The Wiley-Blackwell Companion to Cultural Geography*, ed. N. C. Johnson, R. H. Schein, and J. Winders. Oxford: Blackwell, pp. 17-22.
- LANDER, E. (ed.) (2005) *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latinoamericanas*. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO.
- LOOMBA, A. (1998) *Colonialism/postcolonialism*. London: Routledge.
- MIGNOLO, W. (1992) The dark side of the Renaissance: colonization and the discontinuity of the classical tradition. *Renaissance Quarterly*, 45 (4), pp. 808-828.
- NASH, C. (2002) Cultural geography: postcolonial cultural geographies. *Progress in Human Geography*, 26 (2), 219-230.
- PORTO-GONÇALVES, C. W.; QUENTAL, P. de A. (2012) A colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. *Polis* (Santiago, em Línea), v.11, p.1.
- RYAN, J. R. (2004) Postcolonial geographies. In: *A Companion to Cultural Geography*, ed. J. Duncan, N. C. Johnson and Richard Schein. Oxford: Blackwell, pp. 469-487.
- SAID, E. (1978) *Orientalism*. London: Penguin.
- SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (ed.) (2009) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.
- SANTOS, R. E. N. dos. (2011) Ativismos cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder. *Revista Geográfica de América Central*, v.2, p.1-17.
- SHARP, J. (2009) *Geographies of Postcolonialism: Spaces of Power and Representations*. London: Sage.
- SIDAWAY, J. (2002) Postcolonial geographies: survey-explore-review. In: *Postcolonial Geographies: Writing Past Colonialism*, ed. A. Blunt and C. McEwan. New York and London: Continuum, pp.11-28.
- _____. (2000) Postcolonial geographies: an exploratory essay. *Progress in Human Geography*, 24 (4), pp.591-612.
- SMITH, N. (1994) Geography, empire and social theory. *Progress in Human Geography*, 18 (4), pp. 491-500.
- SPIVAK, G. (1998) Can the subaltern speak? In: *Marxism and the Interpretation of Culture*, ed. C. Nelson and L. Grossberg. London: Macmillan, pp. 271-313.
- _____. (1993) *Outside in the Teaching Machine*. London and New York: Routledge.